

ESPOROTRICOSE SISTÊMICA NA REGIÃO SUL DO RIO GRANDE SUL – ESTUDO RETROSPECTIVO DE 2000 A 2018

HAIDE VALESKA SCHEID¹; ROSIMERI ZAMBONI; TAINA DOS SANTOS
ALBERTI; PABLO ESTIMA; ELISA SIMONE VIÉGAS SALLIS²; ANA LUCIA
SCHILD³

¹Laboratório Regional de Diagnóstico – FV/UFPeI – haidevaleskascheid@hotmail.com

²Laboratório Regional de Diagnóstico – FV/UFPeI – rosi_zamboni@yahoo.com.br

² Laboratório Regional de Diagnóstico – FV/UFPeI – taina_alberti@yahoo.com

² Laboratório Regional de Diagnóstico – FV/UFPeI – pabloestima@hotmail.com

² Laboratório Regional de Diagnóstico – FV/UFPeI – esvsallis@yahoo.com.br

³ Laboratório Regional de Diagnóstico – FV/UFPeI – alschild@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Esporotricose é uma micose zoonótica de distribuição mundial, causada por fungos dimórficos do complexo *Sporothrix* (MARIMON et al. 2007). Sua ocorrência está relacionada a regiões de clima tropical e subtropical. No Brasil a esporotricose felina tem maior ocorrência nos estados do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul (PEREIRA et al. 2016). No Rio Grande do Sul, a região sul, apresenta o segundo maior índice de casos da doença em felinos (POESTER et al. 2018).

A infecção por *Sporothrix sp.* causa uma micose subaguda ou crônica que atinge a derme superficial ou profunda. Nos felinos as lesões são classificadas de acordo com a sua localização, tendo como base a classificação humana, sendo dividida em cutânea, mucosa, extra cutânea e sistêmica. A manifestação cutânea ocorre através de formações sólidas como pápulas e nódulos, seguidas por lesões ulcerativas, fistulares e crostosas (GALATI et al. 2017). A evolução sistêmica da micose se estende para órgãos, como pulmões, baço, fígado, testículos e ossos (FRANCESCHI et al. 2017). O objetivo deste trabalho foi descrever a ocorrência de esporotricose sistêmica observada em felinos na região sul do Rio Grande do Sul.

2. METODOLOGIA

Foi realizado um estudo retrospectivo dos casos de esporotricose sistêmica em felinos diagnosticados no Laboratório Regional de Diagnóstico da Faculdade de Veterinária da Universidade Federal de Pelotas (LRD/UFPeI), no período de 2000 a 2018. Foram resgatados os dados epidemiológicos referentes à idade, sexo, raça, forma de criação, lesões macroscópicas, histológicas e resultados de cultura fúngica. Os blocos de parafina referentes aos casos foram selecionados e seccionados a 4µm de espessura, sendo posteriormente corados em hematoxilina & eosina (HE) e ácido periódico de Schiff (PAS).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Verificou-se que entre os anos de 2000 e 2018, foram diagnosticados 63 casos de esporotricose em felinos, dos quais 17 eram da forma sistêmica. Nesta forma da doença felinos machos foram os mais afetados com 13 casos e destes, nove não eram castrados e tinham livre acesso à rua. Isso é observado também na forma cutânea da enfermidade. Taxas de até 78% de casos nesta categoria de

felinos já foram mencionadas em estudos epidemiológicos da doença (ROSSI et al. 2013). É provável que felinos machos, não castrados e com livre acesso à rua sejam mais susceptíveis à doença devido ao hábito de disputas por território, alimento e fêmeas para acasalamento, uma vez que o agente é transmitido por inoculação traumática na pele.

Os órgãos envolvidos foram pele, pulmão, linfonodos, rins, baço, fígado, ossos e testículos. Todos felinos estudados desenvolveram a micose na pele e no pulmão, sendo que em quatro felinos esses foram os únicos órgãos afetados. Dados similares a respeito do envolvimento cutâneo e pulmonar na forma sistêmica da esporotricose também foram mencionados em outros estudos (ROSSI et al. 2013). Sugere-se que a alta taxa de desenvolvimento da micose no pulmão esteja relacionada a coinfeção ascendente do trato respiratório superior por formas infectantes do fungo, presentes nas lesões cutâneas. Esse fato é agravado pois as lesões ocorrem principalmente na região nasal e porção distal dos membros, áreas frequentemente sujeitas a lambadura propiciando a disseminação ascendente do fungo.

No estudo foi observado, ainda, que sete felinos desenvolveram a micose em três órgãos; cinco felinos em quatro órgãos; e apenas um felino em cinco órgãos. O desenvolvimento da infecção por *Sporothrix sp.* em diversos órgãos pode estar relacionado com a falha terapêutica ou a imunossupressão do hospedeiro, fatores que propiciam a proliferação e disseminação do agente no organismo. Alguns estudos sugerem, ainda, que felinos portadores de doenças imunossupressoras como a leucemia viral felina (FeLV) e a imunodeficiência viral felina (FIV) tenham maior suscetibilidade no desenvolvimento de esporotricose sistêmica (FRANCESCHI et al. 2017). No presente trabalho apenas dois felinos apresentavam FIV ou FeLV concomitante.

Dos 17 casos de esporotricose sistêmica diagnosticados entre 2000 e 2018 observou-se que 10 ocorreram nos últimos três anos. Isto parece sugerir que o aumento no número de diagnósticos seja em consequência da conscientização da população a respeito da zoonose, principalmente no município de Pelotas, onde o Centro de Controle de Zoonose (CCZ) da Prefeitura Municipal, disponibilizou testes de diagnóstico gratuitos. O crescente aumento nos diagnósticos de esporotricose na região sul do Rio Grande do Sul, já foi mencionado por outros autores, porém sem menção à forma sistêmica da doença (POSTER et al. 2018).

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que o diagnóstico de esporotricose sistêmica em felinos tem aumentado na região sul do Rio Grande do Sul, provavelmente devido ao maior conhecimento da população sobre a doença. Os órgãos mais afetados pela forma sistêmica foram o pulmão e linfonodos. Conclui-se também que a doença é mais frequente em felinos machos e não castrados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artigo

GALATI, L.H.H.; MICHALANY, N.S.; LARSSON, C.E.J.; LARSSON, C.E.; TOMIMORI, J.; TABORDA, C.P. Sporotrichosis—cat as the source of familiar infection outbreak in Guarulhos. **Journal of Veterinary Research and Animal Science**, São Paulo, v.54, n.4, p.439-444, 2017.

FRANCESCHI, N.T.; SPANAMBERG, A.; DHEIN, J.D.O.; BAZOTTI, M.S.; RAVAZZOLO, A.P.; SILVA, I.T.D.; COSTA, F.V.A.; FERREIRO, L. Esporotricose óssea em gato causada por *Sporothrix brasiliensis*. **Acta scientiae veterinariae**, Porto Alegre, v. 45, supl. 1 (2017), p. 241, 2018.

MARIMON, R.; CANO, J.; GENÉ, J.; SUTTON, D. A.; KAWASAKI, M.; GUARRO, J. *Sporothrix brasiliensis*, *S. globosa*, and *S. mexicana*, three new *Sporothrix* species of clinical interest. **Journal of Clinical Microbiology**, v.45, n.10, p.3198-3206, 2007.

PEREIRA, S.A.; GREMIAO, I.D.; KITADA, A.A.; BOECHAT, J.S.; VIANA, P.G.; SCHUBACH, T.M.; The epidemiological scenario of feline sporotrichosis in Rio de Janeiro, State of Rio de Janeiro, Brazil. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, Rio de Janeiro, v.47, n.3, p.392-393, 2014.

POESTER, V.R.; MATTEI, A.S.; MADRID, I.M.; PEREIRA, J.T.B.; KLAFKE, G.B.; SANCHOTENE, K. O.; BRANDOLT, T.M.; Xavier, M. O. Sporotrichosis in Southern Brazil, towards an epidemic? **Zoonoses and Public Health**, Pelotas, v.65, p.815–821, 2018.

ROSSI, C.N.; ODAGUIRI, J.; LARSSON, C.E. Caracterização clínica e epidemiológica da esporotricose em cães e gatos. **Semina: Ciências Agrárias**, São Paulo, v.34, n 6Supl2, p.3889-3896, 2013.